

A POETICIDADE DAS COISAS SIMPLES REVELADA EM *O FAZEDOR DE AMANHECER*¹

*Sandra Regina Tornquist*²

*Flávia Brocchetto Ramos*³

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o livro *O fazedor de amanhecer*, de Manoel de Barros, que integra o acervo do Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE/2010) e cuja poesia se constrói por meio da revelação daquilo que tende a ser rejeitado ou ignorado pela percepção humana. Na obra, seres como grilos, moscas e sapos ganham importância, assumindo lugar de destaque. Desenvolvido com base na análise descritiva, por meio de pesquisa bibliográfica, o estudo apresenta, num primeiro momento, considerações sobre a importância da leitura na vida do ser humano, passando a focar, em seguida, peculiaridades da poesia, que propicia ao leitor uma experiência diferenciada, atingindo o imaginário, através das imagens poéticas. Com base nessa reflexão teórica, é focado o texto poético da obra, com vistas a revelar como o simples e muitas vezes julgado sem importância torna-se rico em poeticidade através da linguagem, possibilitando ao leitor a criação de uma nova visão acerca do seu entorno.

Palavras-chave: Poesia. Leitura. Leitor iniciante. PNBE 2010.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da importância da leitura não é recente. Governo e escolas brasileiras perceberam que a leitura é fundamental para a formação de

um cidadão mais crítico e bem preparado para enfrentar os desafios impostos pela sociedade. A partir dessa constatação, o Governo Federal passou, desde 1997, através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), a investir mais sistematicamente em livros de boa qualidade para disponibilização nas bibliotecas das escolas públicas, visando, com isso, a incentivar a leitura entre os estudantes, pois o período da infância e da juventude é muito fértil para a formação do leitor de textos diversos.

No entanto, apesar de estar aumentando a possibilidade de acesso dos estudantes às obras literárias, um entrave para o desenvolvimento de leitores é o despreparo de professores para mediar a leitura, uma vez que muitas obras têm um nível de exigência que pode extrapolar a capacidade de compreensão de uma criança, fazendo-se necessária, por isso, a intervenção de um leitor proficiente que a oriente acerca da significação do texto.

O *fazedor de amanhecer*, de Manoel de Barros, é uma dessas obras riquíssimas em conteúdo, mas que corre o risco de ser deixada de lado na biblioteca por não haver quem apresente ao infante aspectos relativos à composição do título. Assim, um dos objetivos deste estudo é explorar a poeticidade da obra, que se constrói a partir da valorização das coisas simples (quase insignificantes), contribuindo para que o leitor também desvele aspectos da realidade que antes passavam despercebidos e note em seu entorno a beleza das pequenas coisas, dos pequenos seres, daquilo que costuma ser ignorado no corre-corre contemporâneo. A leitura da obra não seria apenas um exercício de entendimento do texto, mas a proposta de uma nova percepção da realidade.

Cabe ressaltar que a referida obra foi escolhida para este estudo, porque, além de integrar o acervo do Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE/2010), estando, portanto, disponível às crianças nas escolas públicas, apresenta uma concepção de poético não usual, aspecto que pode implicar a rejeição do título pelo docente. O estudo pertence ao projeto de pesquisa “PNBE 2010 na escola: leituras possíveis”, apoiado pelo CNPq pelo Edital Produtividade em Pesquisa - 2010, e está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, na linha de pesquisa Educação, Linguagem e Práticas Leitoras.

O estudo apresenta, inicialmente, uma abordagem sobre a leitura, tomando como referência estudos de Alberto Manguel (1997), Michel de Certeau (1994), Regina Zilberman (2001) e Ângela Kleiman (2004). Num segundo momento, aborda-se o texto poético, que proporciona uma forma de conhecimento e de prazer diferenciados, graças à exploração das imagens poéticas, que tocam o imaginário do leitor. Para essa parte do estudo, utilizam-se contribuições de Gaston Bachelard (1988, 1989, 1990 e 1993), Gilbert Durand (1996), Octavio Paz (1982) e Paul Valery (1999). Após essa abordagem teórica, passa-se à análise do texto poético de *O fazedor de amanhecer*, de Manoel de Barros, com vistas a revelar como, com uma linguagem simples e tomando como tema elementos e seres quase insignificantes, o poeta cria uma poesia rica, que permite o desenvolvimento de um olhar singular sobre a realidade.

Assim, a análise irá apontar peculiaridades da obra, evidenciando potencialidades de leitura inerentes ao poético e contribuindo para a formação do sensível na infância.

1 A LEITURA NA VIDA DO SER HUMANO

Não há dúvidas de que a leitura desempenha papel fundamental na vida do ser humano. Desde cedo, aprende-se a decodificar sinais gráficos e a formar palavras e frases, o que permite compreender tanto o rótulo de um produto no supermercado quanto uma complexa obra literária. Mas a leitura desta última exige mais do que decodificação, como já declara Certeau (1994, p. 263), pois

ler o sentido e decifrar as letras correspondem a duas atividades diversas, mesmo que se cruzem. Noutras palavras, somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um texto afina, precisa ou corrige.

Deduz-se, assim, que as experiências anteriores do leitor, sejam elas de leitura ou as próprias experiências de vida, bem como sua formação cultural, interferem na forma como ele irá ler (no sentido de interpretar) um texto. No caso

de um leitor iniciante, a construção de sentidos é mais difícil e lenta, necessitando, em alguns casos, da mediação de um leitor adulto e proficiente, para que possa haver prazer na interação com o texto. Certeau (1994, p. 265) destaca ainda que o leitor, ao ler, “inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a ‘intenção’ deles”. Daí decorre a pluralidade de leituras, propiciada principalmente pelo texto literário.

Nesse sentido, Zilberman (2001, p. 91) afirma que “a flexibilidade de cada texto decorre da habilidade em responder de modo distinto a cada leitor ou aos segmentos variados de público; decorre igualmente da propriedade de o destinatário intervir na obra”. Cada leitor encontra, nas obras que lê, suas próprias dúvidas e respostas, já que “despertado o imaginário por força da leitura, nada mais pode contê-lo ou domá-lo”. (ZILBERMAN, 2001, p. 27). Entende-se a leitura, nessa perspectiva, como uma ação libertadora.

Daí advém a importância de professores que estimulem e sirvam de mediadores de leitura em sala de aula, pois de nada (ou muito pouco) adianta incentivar uma criança a ler se este incentivo não for reforçado pelo exemplo, pela prática em sala de aula de leituras que estimulem a criatividade e a capacidade de interpretação. Só assim obras como a que será analisada neste estudo poderão ser usufruídas em toda a sua riqueza e propiciar ao leitor iniciante o encantamento pelo texto poético.

A leitura, além de exigir certo conhecimento, também é fonte para enriquecer o mesmo, pois, conforme destaca Ângela Kleiman, durante o ato de ler são ativados os conhecimentos linguístico, textual e de mundo do leitor. A ativação desse repertório é essencial para que se possa “chegar ao momento da compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado” (2004, p. 26). É importante notar que as partes discretas a que se refere Kleiman são individuais, pois cada sujeito possui um domínio específico da língua, e, principalmente, uma vivência, um conhecimento de mundo que é singular e irrepetível. Cada leitura de texto é única e, conseqüentemente, o número de interpretações corresponderá ao de leitores, ou ainda, ao de leituras realizadas a partir do texto. Essa posição é confirmada por Manguel (1997, p. 19-20), ao declarar que

é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender.

Nesse sentido, Manguel argumenta que a leitura preenche uma busca do leitor, antecipando ou mesmo substituindo experiências não possíveis na realidade. Conforme declara em entrevista à revista *Língua*, este estudioso acredita que “leamos e escrevemos para entender a experiência antes de tê-la e para ativar a nossa própria experiência, para dizer que essa é a forma que sentimos e entendemos, para que as futuras gerações possam sabê-lo.” (2011, p. 11).

Ler é uma forma de integração social. Aquele que não domina o código escrito tende a ficar excluído da sociedade, uma vez que esta se consolida cada vez mais com base no registro gráfico, o que pode ser percebido desde a sinalização de trânsito até os panfletos publicitários, jornais, revistas e sítios virtuais, onde os escritos se multiplicam. Considerando, assim, a importância da leitura, que é ao mesmo tempo social, já que, como foi afirmado, é essencial para a convivência na sociedade contemporânea, e individual, pois traz conhecimentos e benefícios que repercutem diferenciadamente em cada leitor, passa-se a apresentar uma abordagem específica sobre o texto poético. A leitura desse tipo de texto, conforme destaca Norberto Perkoski, apoiando-se em Gaston Bachelard, produz “fenômenos entrelaçados à imagem, à imaginação e ao devaneio. Tais fenômenos geram um conhecimento que ultrapassa a racionalidade, relacionando-se a uma apreensão outra, atingindo o inconsciente e a emoção do leitor” (2005, p. 120).

2 AS ESPECIFICIDADES DO TEXTO POÉTICO

Quando se fala em texto poético, há de se considerar algumas singularidades, que podem estar relacionadas tanto com a estrutura desse texto quanto com o trabalho singular com a linguagem. Gilbert Durand considera o texto

poético responsável por uma inovação e renovação da linguagem. Ressalta ainda que há diferenças entre a verdade poética e a verdade científica e utilitária, e que “a lógica do poeta já não é a do físico, ela é, talvez, mais lógica do ser do que do conhecer” (1996, p. 17).

Quanto à relação singular que a poesia estabelece com a linguagem, Paul Valéry afirma que “a Poesia é uma arte da Linguagem; certas combinações de palavras podem produzir uma emoção que outras não produzem, e que denominamos *poética*” (1999, p. 197, grifado no texto). Nesse sentido, o que torna um texto poético não é prioritariamente sua forma, mas suas imagens, seu ritmo. Octavio Paz reforça essa ideia, ao declarar que “ritmo, imagem e significado apresentam-se simultaneamente numa unidade indivisível e compacta: a frase poética, o verso. O metro, pelo contrário, é medida abstrata e independente da imagem” (1982, p. 15). Para o estudioso, mesmo sem apresentar compromisso com a verdade científica e objetiva, a poesia é “conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro” (1982, p. 15).

O caráter inovador e libertário da poesia também foi percebido e explorado por outros estudiosos, como é o caso de Gaston Bachelard, que defende que ela surge como “um fenômeno de liberdade” (1989, p. 11) e acrescenta que pode ser reconhecida como “um compromisso da alma” (p. 6); já as imagens poéticas que a compõem seriam “dádiva de uma consciência ingênua” (p. 4).

Quando entendida dessa forma, “a imagem vem *antes* do pensamento” (BACHELARD, 1993, p. 4, grifado no texto). A formação de imagens poéticas seria, assim, um fenômeno essencialmente criativo e criador, anterior à racionalização. Esse ponto é destacado por Bachelard ao afirmar que “a imagem poética ilumina com tal luz a consciência que é vão procurar-lhe antecedentes inconscientes” (1988, p. 3). Note-se que o estudioso frisa sempre a anterioridade da imagem e, conseqüentemente, da imaginação, em relação ao pensamento racional.

Vale destacar que o ser humano é constituído pela necessidade de ambos: poesia e razão, estando eles vinculados, apesar de serem aparentemente opostos. Assim, a poesia vem preencher um espaço muitas vezes negligenciado numa sociedade que supervaloriza o saber racional. Tomada como fenômeno anterior ao pensamento racional, “a imagem diz o indizível: as plumas leves são pedras pesadas. Há que retornar à linguagem para ver como a imagem pode dizer o que, por natureza, a linguagem parece incapaz de dizer” (PAZ, 1982, p. 129). As imagens poéticas possuem uma lógica diferente daquela do conhecimento racionalizado, uma lógica em que as palavras assumem um sentido novo. Voltando a referir Bachelard, cabe mencionar que ele considera que “a imagem poética, em sua novidade, abre um porvir de linguagem” (1988, p. 3).

É, pois, considerando o caráter criativo e (re)criador da poesia, através das imagens poéticas, que se propõe o estudo da obra *O fazedor de amanhecer*, enfocando-se prioritariamente o ponto de vista do leitor infantojuvenil, o que justifica a abordagem feita sobre a leitura.

Com base no que foi apresentado até aqui sobre a leitura e a poesia, percebe-se que os dois conceitos estão vinculados ao conhecimento. No entanto, a poesia, com suas imagens, é origem de conhecimentos singulares, diferentes do saber técnico e científico. Abordando o caráter libertário da poesia (e da literatura como um todo) em relação à linguagem, Barthes destaca que ela proporciona “um logro magnífico, que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem” (1979, p. 16).

Retomando mais uma vez as considerações de Bachelard sobre a poesia, destaca-se que para esse estudioso “o poema é essencialmente *uma aspiração a imagens novas*. Corresponde à necessidade essencial de *novidade* que caracteriza o psiquismo humano” (1990, p. 2, grifado no texto). A poesia não é, portanto, produto supérfluo, pelo contrário, mostra-se essencial à vida humana e realiza uma tarefa singular: “coloca o homem fora de si e simultaneamente o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. [...] A poesia é entrar no ser” (PAZ, 1982, p. 138).

Durand, referindo-se especificamente à poesia contemporânea, define-a “como uma re-evocação pelo verbo de um ‘sentido’, senão mais puro, pelo menos

mais autêntico, conferido às palavras do grupo social” (1996, p. 50). Referenda, assim, que a poesia usa a linguagem de forma criativa e inovadora, renovando-a, atribuindo-lhe novas significações, bem como possibilitando ao leitor o contato com imagens que toquem o imaginário, enriquecendo-o.

A poesia seria, em certa medida, o complemento ou a contrapartida necessária para a sociedade atualmente muito voltada à razão e à objetividade. Nesse sentido, cabe citar Bachelard, para quem o leitor, ao predispor-se a aceitar a singularidade do texto poético com suas imagens, “conhecerá a imaginação em sua essência, porque a viverá em seu excesso, no absoluto de uma imagem inacreditável, signo de um ser extraordinário” (1988, p. 197). Esse excesso, essa superação da medianidade mostra-se essencial quando se refere ao texto poético.

Considerando os posicionamentos apresentados, é possível perceber que o texto poético se constitui em uma rica fonte de conhecimento. A poesia não é meramente reprodutiva, mas, pelo contrário, é criadora e criativa, permitindo a inovação e a renovação da linguagem, mostrando-se fundamental na constituição do ser.

É com base nisso que se pode reafirmar a importância da leitura de poesia já na infância, quando o indivíduo está em processo de formação, pois é aí que muitas vezes começa a imposição de uma visão mais racional e objetiva, contrária à proposta de libertação inerente ao poético. Assim, Zélia Versiani valoriza o texto poético em sala de aula, desde que o objetivo seja o encantamento pela palavra, a leitura estética, e não o ensino de gramática, por exemplo. Segundo a autora, “o traço renovador da poesia – porque ela é sobretudo renovação lingüística – faz dela um material riquíssimo para as aulas de português” (2003, p. 51). Ela frisa que é possível e necessário ensinar a ler poesia na escola, pois “a experiência estética pode surgir [...] na elucidação de aspectos da composição estética muitas vezes não percebidos pelos alunos” (VERSIANI, 2003, p. 52). Dessa forma, depreende-se que, para a criança sentir prazer na interação com a poesia, é fundamental que um leitor adulto e proficiente atue como mediador de leitura, ajudando-a a perceber e se encantar com a riqueza do texto. Dessa forma, o infante se tornará apto a produzir significação a

partir do lido, ou seja, produzirá um conhecimento, conforme já mencionado, diferente do científico, mas de caráter relevante para a constituição do ser e que, conforme declara Paes, impede “que a vida passe em vão” (1996, p. 73).

Outro aspecto a ser destacado quando se fala em poesia para crianças é o lúdico. Unir leitura e brincadeira pode proporcionar ao leitor infantil uma experiência de grande valor e significação, pois o lúdico é um dos elementos que move a vida social e, conseqüentemente, “deve também mover a vida escolar. É preciso, portanto, descobrir o lúdico que está oculto na poesia” (AMARILHA, 1997, p. 36). Ao descobrir esse aspecto oculto do texto poético, criança e adulto participam mais ativamente da obra, sentindo prazer na leitura e, mesmo que inconscientemente, construindo novos conhecimentos, relacionando-se de forma agradável com a linguagem.

Esta é a proposta deste artigo: revelar o poético na obra *O fazedor de amanhecer*, de Manoel de Barros. Para que essa leitura propicie prazer e fruição, o leitor deve assumir seu papel como responsável por um ato recriador, através do qual significa a multiplicidade de imagens poéticas presentes em cada poema.

A POESIA EM O FAZEDOR DE AMANHECER

O fazedor de amanhecer inicia abordando um tema frequente na literatura, principalmente na poesia: o amor. E sob esse título é abordada a criação da vida humana. O eu-poético, em uma provável referência à fertilização *in vitro* (reprodução assistida), destaca que: “Fazer pessoas no frasco não é fácil / Mas se eu estudar ciências eu faço.” (BARROS, 2001, p. 5). Note-se que esse assunto complexo é revestido de linguagem poética, podendo, inclusive, intrigar e conquistar o leitor infantil pela estranheza de se “fazer pessoas no frasco”. A ideia prossegue na página seguinte, em que o eu-lírico ressalta: “Sendo que não é melhor do que fazer / pessoas na cama / Nem na rede / Nem mesmo no jirau como os índios fazem.” (p. 6). Percebe-se, nesses versos, a referência ao ato sexual, modo natural de geração de uma nova vida. E o eu poético cita locais para esse ato. Vale ressaltar que, embora o tema seja complexo e em geral não

abordado por vias diretas com as crianças, a obra o faz de maneira até lúdica, despertando o interesse e a curiosidade do leitor infantil. Ao enfatizar que: “Para fazer pessoas ninguém ainda não / inventou nada melhor que o amor.” (p. 8), o eu-poético sugere o amor como receita para o surgimento de novas vidas e uma dádiva divina, conforme destacado na sequência: “Deus ajeitou isso pra nós de presente.” (p. 8).

Dando continuidade ao poema, o eu-poético adverte: “De forma que não é aconselhável trocar / o amor por vidro.” (p. 8). A crítica implícita aos métodos artificiais de fertilização é demasiadamente complexa para ser compreendida por um leitor iniciante, mas este certamente entende, a partir do poema, que a natureza prepondera sobre a técnica, que o amor deve ser valorizado e cultivado, pois é inclusive capaz de gerar vida.

As imagens que acompanham o poema também são significativas; trata-se de um coração vermelho, representado em três momentos; primeiramente ele está inteiro, perfeito; depois aparece com uma “rachadura” e, então, finalmente uma criança sai dele, podendo-se estabelecer aí a relação com o surgimento de uma nova vida a partir do amor, sentimento frequentemente representado graficamente por corações vermelhos. É importante ressaltar que em poemas como este é fundamental a presença de um mediador que ajude o infante a iluminar o poético.

Para fechar esse primeiro poema, em uma página repleta de objetos diferentes saindo da cabeça “aberta” de um homem, encontram-se os versos: “Quem não tem / ferramentas de pensar; / inventa.” (p. 11). Destaca-se aí a preponderância da invenção sobre o pensamento racionalizado, posicionamento que será reforçado ao longo da obra, já se revelando, inclusive, no poema da sequência, que traz o inusitado desde o próprio título (que é também o título da obra): “O fazedor de amanhecer”.

Nesse poema, o eu-poético reconhece: “Sou leso em tratagens com máquina” (p. 13). Cabe ressaltar a presença de neologismos especialmente inventados para revelar atos e projetos também inusitados do eu-lírico, despertando, assim, ainda mais a curiosidade do leitor infantil.

O desapego em relação aos objetos de uso prático e a inversão da lógica racionalista e utilitária revelam-se também em: “Tenho desapetite para inventar coisas / prestáveis. / Em toda a minha vida, só engenhei / 3 máquinas / Como sejam: / Uma pequena manivela para pegar no sono / Um fazedor de amanhecer / para usamentos de poetas / E um platinado de mandioca para o / fordeco de meu irmão.” (p. 13). Os equipamentos inventados pelo eu-poético fogem ao convencional, são aparentemente inúteis, desafiando o leitor a imaginar os possíveis usos e funcionalidades de cada um. Nesse caso, a imagem que acompanha a palavra contribui para a sedução do leitor infantil, estimulando sua imaginação.

O eu-lírico também destaca que um de seus inventos foi reconhecido, merecendo, inclusive, premiação: “Cheguei de ganhar um prêmio das indústrias / automobilísticas pelo Platinado de Mandioca.” (p. 13). O invento parece ganhar ares de importância nesses versos, sendo grafado com iniciais maiúsculas, mas, na sequência, o eu-poético revela novamente que os valores que preza são diferenciados, uma vez que se sente orgulhoso com aquilo que normalmente seria tomado como ofensa: “Fui aclamado de idiota pela maioria / das autoridades na entrega do prêmio. / Pelo que fiquei um tanto soberbo. / E a glória entronizou-se para sempre / em minha existência.” (p. 13). O título de “idiota”, ao invés de magoar, enche o eu-lírico de orgulho, um paradoxo que vai sendo aceito pelo leitor à medida que a visão apresentada nos poemas vai de encontro àquela difundida e defendida pela sociedade. É justamente por essa quebra dos padrões que os poemas conseguem conquistar, despertar o interesse do jovem leitor, embora, por vezes, mostre-se relevante a intervenção de um mediador de leitura para possibilitar a fruição.

O título do terceiro poema – “Eras” – sugere inicialmente uma referência à temporalidade, mas essa hipótese é deixada de lado com a leitura, em que o termo substitui a correta flexão do verbo “ser”. No entanto, após ler o poema no todo, retoma-se novamente, de certa forma, a referência à passagem do tempo. Inicialmente, o foco é a infância: “Antes a gente falava: faz de conta que / este sapo é pedra. / E o sapo eras. / Faz de conta que o menino é um tatu / E o menino eras um tatu.” (p. 14). Na sequência do poema, porém, o eu-poético

adverte que houve uma mudança: “A gente agora parou de fazer comunhão de / pessoas com bicho, de entes com coisas. / A gente agora faz imagens.” (p. 14). Nota-se, no último desses versos, a presença da criação através das imagens (supostamente poéticas). Mas o eu-lírico vê uma semelhança entre as criações da infância e aquelas da idade adulta, tanto que questiona: “Então é tudo faz de conta como antes?” (p. 14). Assim, mudam-se os elementos da invenção, mas ela continua presente no cotidiano do eu-poético. Escrever poesia também é inventar, embora com elementos diferenciados, não mais necessariamente concretos. Essa reflexão contribui para a formação da criança, que consegue perceber que a invenção criativa não é uma exclusividade de sua faixa etária, mas pode estar presente também na idade adulta.

No poema seguinte, denominado “Meu avô”, o eu-poético refere-se a esse ancestral como alguém que também apreciava e valorizava aquilo que, perante a sociedade extremamente voltada ao racionalismo e à objetividade, parece inútil, imprestável. Nesse sentido, já no primeiro verso, surge um impacto: “Meu avô dava grandeza ao abandono.” (p. 17). Para ajudar o leitor a entender essa afirmação, o eu-poético explica em seguida: “Era com ele que vinham os ventos a conversar / Sentava-se o velho sobre uma pedra nos fundos / do quintal / E vinham as pombas e vinham as moscas a / conversar. / Saía do fundo do quintal para dentro da / casa / E vinham os gatos a conversar com ele. / Tenho certeza que meu avô enriquecia / a palavra abandono. / Ele ampliava a solidão dessa palavra.” (p. 17). O avô é apresentado como alguém que atraía animais de diferentes espécies, no entanto, a proximidade desses seres e a suposta conversa que estabeleciam com o homem não diminuía a situação de abandono deste, pelo contrário, como indica o eu-lírico, esta só se acentuava. O convívio e, principalmente, a capacidade de dialogar com animais, e até mesmo com o vento, sugerem o isolamento em relação à sociedade.

A amplitude da solidão do avô representa liberdade para as borboletas, como revelam os versos: “E as borboletas se aproveitavam dessa / amplidão para voar mais longe.” (p. 19). E nesse voo, o que se destaca é o silêncio, representado, nos versos seguintes, de forma paradoxal: “Só o silêncio / faz rumor / no vôo das borboletas.” (p. 21). A associação que se pode estabelecer a

partir desses versos é que, na vida de quem é só, há sempre a espera por um ruído de alguém a se aproximar, de alguém que possa romper com o silêncio do abandono.

O poema é encerrado pelos versos “Na estrada, / ponho meu corpo / a ventos. / Aves me reconhecem / pelo andar.” (p. 22). Neles, o foco passa do avô para o próprio eu-poético, sugerindo que também este convive com o abandono, mas é reconhecido pelos seres simples, como as aves. Ao longo da obra, percebe-se que a poesia de Manoel de Barros não tem compromisso com a coerência, com um sentido racional ou objetivo. Como assinala Márcio Vassalo ao escrever sobre o autor no final do livro analisado, “os poemas do Manoel não são para ninguém entender, como ele mesmo já disse. São para a gente esfregar os olhos, espreguiçar e acordar mais feliz” (VASSALO. In: BARROS, 2001, p. 45).

A própria língua é tema de poema na obra; o eu-lírico compara o significado de uma palavra na língua materna com uma de mesmo significado, mas em outra língua, no caso, o francês. Ele se questiona sobre o porquê do sentimento diferenciado, mais intenso quando ouve a palavra na língua materna: “Será pelo gosto que vem de mãe? de língua mãe? / Seria porque eu não tenha amor pela língua / de Flaubert? / Mas eu tenho.” (BARROS, 2001, p. 24). Partindo dessas reflexões, ele encontra uma possibilidade de explicação: “Penso que seja porque a palavra pássaro em / mim repercute a infância / E oiseau não repercute.” (p. 25). A língua materna, assim como a própria mãe, desperta emoções singulares, impossíveis de repetir naquilo que se vive e se aprende posteriormente. É por isso que o eu-poético declara: “Penso que a palavra pássaro carrega até hoje / nela o menino que ia de tarde pra / debaixo das árvores a ouvir os pássaros. / Nas folhas daquelas árvores não tinha oiseaux / Só tinha pássaros.” (p. 25). Sugere-se, assim, que é através do nome que guardamos os seres na lembrança, eles se perpetuam não apenas pela imagem, mas também por sua identificação, normalmente feita em língua materna, daí que um termo nesta pareça mais carregado de sentido e de afeição do que em uma língua estrangeira, mesmo que se domine e se goste dela.

“Bernardo” é o título do poema seguinte. Seus versos não apresentam um sujeito qualquer com este nome, muito pelo contrário, trata-se de uma pessoa muito singular, com características pouco humanas, como se percebe pelos versos: “Bernardo já estava uma árvore quando / eu o conheci. / Passarinhos já construía casas na palha / do seu chapéu. / Brisas carregavam borboletas para o seu paletó. / E os cachorros usavam fazer de poste as suas pernas.” (p. 27). Ao ler esses versos, quebra-se a expectativa gerada pelo título e cria-se um estranhamento, diante de um homem-árvore. Trata-se de um desafio à mente do leitor infantil, que tem tendência a inventar personagens, mas dificilmente chegaria a imaginar um ser assim. Após essa primeira parte, em que Bernardo é apresentado como um ser estático, ocorre uma mudança radical e o sujeito ganha liberdade e movimento, contrariando novamente as expectativas: “Quando estávamos todos acostumados com aquele / bernardo-árvore / Ele bateu asas e avoou. / Virou passarinho. / Foi para o meio do cerrado ser um araquã.” (p. 27).

O *non sense* domina os versos, e o leitor pode ficar intrigado com tal ser que passa de árvore a pássaro, mas tem nome de gente e também capacidade de falar, como é revelado em: “Sempre ele dizia que o seu maior sonho era / ser um araquã para compor o amanhecer.” (p. 27). Depois de algum tempo vivendo como árvore, Bernardo resolve criar asas e realizar aquilo que sempre sonhou. A ilustração das páginas em que aparece o poema contribui para a interpretação, pois o homem ali representado parece integrar-se ao cenário, seu tronco assemelha-se a uma montanha e sobre seu chapéu de palha nota-se um ninho com um pássaro; no entanto, também a “parte ave” desse sujeito está representada, através de pequenas asas saindo de suas costas. Essa ilustração criativa ajuda a tornar o poema mais acessível ao leitor infantil, que assim pode inventar a partir da imagem gráfica.

Na sequência da obra aparecem versos sem título, que podem ser interpretados como uma continuidade do poema anterior ou como poemas novos. Ao ler o primeiro deles, percebe-se uma visão contrária à racional e popularmente aceita: “Um grilo é mais importante / que um navio.” (p. 28). Um pequeno inseto ganha relevância, sobrepondo-se a um importante meio de transporte. Assim, inverte-se o convencionalismo e dá-se destaque ao que comumente passa

despercebido. Na página seguinte, os versos entre parênteses explicam: “(Isso / do ponto de vista / dos grilos)” (p. 30). Esses versos sugerem que cada ser tende a ver e dar importância às coisas a partir do seu ponto de vista, tendo a si mesmo como centro ou foco principal, o que é sugerido também pela ilustração em que aparece um grilo gigante, acima de um pequenino navio, indicando a possível visão que tem esse inseto ou referendando a importância atribuída ao natural em relação àquilo que é produzido.

O texto seguinte, também não intitulado, traz um paradoxo: “Com as palavras / se podem multiplicar / os silêncios.” (p. 33). As palavras, normalmente associadas à comunicação, dependendo do seu uso, também podem indicar o seu oposto, podem gerar silêncios. O aparente *non sense* desperta a curiosidade da criança, intrigando-a quanto ao modo como uma palavra desperta o silêncio. O infante pode associar essas palavras a uma repreensão por parte dos pais, ou a uma discussão entre eles, que gera, posteriormente, um silêncio que parece prolongar-se indefinidamente. Nesse poema, o branco da página, que contrasta com as ilustrações coloridas que acompanham a maior parte dos outros textos, ajuda a formar a oposição entre palavras e silêncio.

Ainda com foco nas palavras, o poema seguinte tem esse termo como título. E o eu-lírico afirma estar contido em certas palavras: “Palavra dentro da qual estou há milhões / de anos é árvore. / Pedra também. / Eu tenho precedências para pedra. / Pássaro também. / Não posso ver nenhuma dessas palavras que / não leve um susto.” (p. 34). Novamente, aparece o *non sense*, convidando o leitor a deixar a racionalidade de lado para se deleitar na leitura. Ao declarar que o simples fato de ouvir o som de certas palavras já o assusta, o eu-lírico atribui a elas um potencial novo, como, aliás, já fizera ao afirmar que a palavra pássaro, na língua materna, produzia nele uma impressão mais forte do que *oiseau*, no francês.

Assim, o eu-poético revela ter uma relação atípica com as palavras, elas despertam lembranças, como já foi apontado no poema “A língua mãe”, mas também suscitam desejos, como anunciam os versos da sequência de “Palavras”:
“Não posso ver a palavra andarilho que / eu não tenha vontade de dormir debaixo / de uma árvore. / Que eu não tenha vontade de olhar com / espanto, de novo,

aquele homem do saco / a passar como um rei de andrajos nos / arruados de minha aldeia.” (p. 35). Enfim, as palavras evocam imagens e lembranças na mente do eu-poético, causando nele emoções diferenciadas, relacionadas àquilo que é despertado por cada uma delas.

Uma travessura infantil, frequente entre meninos, também vira assunto de poema, o qual recebe o título de “Campeonato”. Nele, o eu-poético recorda a infância: “Nos jardins da Praça da Matriz, os meninos / urinavam socialmente. / A gente fazia campeonato pra ver quem / mandava urina mais longe. / O menino que mandasse mais longe era / campeão. / Mas não havia taça nem medalha.” (p. 38). Essa lembrança vem à mente do eu-poético como recordação de uma infância em que o importante estava na diversão, nas molecagens e na brincadeira, não havia preocupação com prêmios, apenas o desejo de vencer, de demonstrar seu potencial. Mas nem por isso o “campeonato” deixava de ser levado a sério, como revelam os versos: “Os meninos ficavam sérios como se estivessem / defendendo a pátria naquele momento.” (p. 39). A seriedade chega a tal ponto que a brincadeira é comparada com uma das competições mais populares, mas também mais caras (em termos financeiros) do mundo: “O campeonato só era diferente da Fórmula Um / Porque a gente não tinha patrocinadores.” (p. 39). As meninas ficavam de fora dessa brincadeira, mas não continham a curiosidade e espionavam: “Umas gurias iam ver por trás dos muros / a competição.” (p. 38). Esse poema revela que o poeta consegue encontrar e dar valor mesmo ao que parece corriqueiro, ou seja, situações que são conhecidas e até vivenciadas pelo leitor infantil. Talvez seja esse o grande diferencial da obra: a valorização daquilo que costuma passar despercebido aos olhos justamente por sua simplicidade e presença no cotidiano.

Ao longo do livro, é possível perceber que o eu-lírico tende a inverter os valores, criando paradoxos de grande poeticidade. Um exemplo bastante significativo dessa atitude está nos versos: “As coisas / muito claras / me noturnam.” (p. 41). Unem-se os opostos, num texto de difícil interpretação, mas que encanta pela combinação inusitada, pela relação estabelecida entre claridade e escuridão, aproximando-se uma da outra.

Para encerrar a obra, o eu-poético apresenta “As bênçãos”, em que ele, embora não se julgue tão merecedor quanto outros seres, recebe, assim como eles, bênçãos que julga extremamente especiais, mas que podem intrigar o leitor: “Não tenho a anatomia de uma garça pra receber / em mim os perfumes do azul. / Mas eu recebo. / É uma bênção. / Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas me namoram mais de perto. / Fico enamorado. / É uma bênção. / Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro / para que se tornem peregrinos do chão. / Eles se tornam. / É uma bênção.” (p. 43).

Ao invés de se considerar mais importante do que os outros seres, por ser um humano, o eu-lírico julga-se menos digno de ser agraciado por bênçãos e, ao recebê-las, sente-se no compromisso de agradecer, o que faz acariciando a Deus: “Até alguém já chegou de me ver passar / a mão nos cabelos de Deus! / Eu só queria agradecer.” (p. 43). O eu-poético reconhece ter passado a mão nos cabelos de Deus como forma de carícia e agradecimento, ignorando que se trata de um ser invisível, apenas presente na imaginação daqueles que creem nessa divindade. Muitas crianças, certamente, ao ouvirem falar de Deus, sentem o desejo de vê-lo, pela curiosidade de saber suas feições, desejo este concretizado pelo eu-lírico.

Esse poema revela uma característica singular da poesia, que é dar valor àquilo que não se vê, que não tem concretude, mas que é sentido e vivido com intensidade através da capacidade imaginativa, própria do humano. Aliás, a obra mostra que a poesia não está apenas nas palavras, mas no modo de perceber e revelar o mundo (RAMOS, 2010). Explorar essa capacidade de invenção é tarefa da boa literatura, por isso se justifica e se destaca a relevância da mesma na vida do ser humano desde a infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise realizada, fica claro que o poeta identifica e revela a beleza e a poeticidade daquelas coisas que usualmente passam despercebidas e que, por isso mesmo, não são valorizadas pelo ser humano. A obra, ao desvelar e

valorizar o simples, cria imagens poéticas em que os contrários se unem, embelezando e harmonizando o dito. No caso deste livro, o eu-poético contempla desde pequenos seres vivos até engenhocas destituídas de utilidade prática, de forma a revelá-los para o leitor, mostrando que, ao contrário do que prega a sociedade utilitarista, esses elementos também têm seu valor. Ao construir seu texto poético dessa forma, Manoel de Barros contribui para formar leitores mais sensíveis e atentos às insignificâncias e singularidades que os cercam.

Cabe destacar que, para usufruir com mais intensidade a obra, o leitor iniciante poderá necessitar do auxílio de um mediador, que tanto pode ser um familiar quanto um professor. Para que haja de fato uma mediação que contribua para tornar o leitor mirim ou juvenil um verdadeiro apreciador da boa poesia, não basta que o mediador seja um leitor proficiente; muito mais do que isso, ele também deverá ser um apaixonado pela leitura, a fim de que seu encantamento pelo texto reflita-se no ato de mediação. Afinal, dificilmente um professor (ou outro mediador) será capaz de fazer uma criança apreciar algo de que ele mesmo não goste.

Talvez seja este o grande desafio para as escolas e para a sociedade brasileira como um todo: tornar os adultos leitores e apreciadores de poesia para, a partir daí, possibilitar que as novas gerações já desenvolvam esse gosto desde as séries iniciais. Sabe-se que textos poéticos de boa qualidade são produzidos cada vez em maior quantidade no país, revelando o talento dos autores. Preparar o infante para aproveitar essa riqueza é tarefa urgente, pois a aprendizagem propiciada por textos com essa potencialidade tende a contribuir para uma formação mais voltada ao sensível, ao humano.

THE POETICITY OF THE SIMPLE THINGS REVEALED IN *O FAZEDOR DE AMANHECER*

ABSTRACT

The present study aims to analyze the book *O fazedor de amanhecer*, written by Manoel de Barros, which integrates the Programa Nacional da Biblioteca Escolar (National Program of the School Library) - PNBE/2010. The poetry of the book is built through the revelation of things that usually are rejected or ignored by human perception. In the book, creatures as crickets, flies and frogs are important, having a highlighting position. Developed based on descriptive analysis, through a research of the literature, the study presents, at first, considerations about the importance of reading in human life, going to focus, then, peculiarities of the poetry, which provides the reader with a differentiated experience, reaching the imaginary, through the poetic images. Based on this theoretical reflection, is focused the book's poetic text, in order to reveal how simple and often deemed unimportant things become rich in poeticity through the language, allowing the reader to create a new vision about his surroundings.

Keywords: Poetry. Reading. Infantile reader. PNBE 2010.

NOTAS

- ¹ O presente trabalho relata parte dos resultados obtidos no Projeto de Produtividade em Pesquisa – CNPq " PNBE 2010: leituras possíveis" (Bolsa de Produtividade em Pesquisa nº 306278/2010-3).
- ² Mestre em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, RS, Brasil.
- ³ Professora do PPGEd/UCS e do PPGL/UCS, RS, Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas: literatura infantil e prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A poética do devaneio*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARROS, Manoel de. *O fazedor de amanhecer*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

BARTHES, Roland; PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: _____. *A invenção do cotidiano*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Tradução Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2004.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. A leitura do mundo. Entrevistador: Luiz Costa Pereira Júnior. *Revista Língua*, São Paulo, ano 5, n. 63, p. 10-14, jan. 2011.

PAES, José Paulo. *Quem, eu? Um poeta como outro qualquer*. São Paulo: Atual, 1996.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1982.

PERKOSKI, Norberto. A leitura do texto poético: entre a fruição e a cognição. In: _____. OLMI, Alba (Org.). *Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

RAMOS, Flávia Brocchetto. *Literatura infantil: de ponto a ponto*. Curitiba: CRV, 2010.

VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In: _____. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

VERSIANI, Zélia. A diversidade da produção poética para crianças e jovens. In: PAIVA, Aparecida. *No fim do século: a diversidade: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.

Recebido: 28 de outubro de 2011
Aprovado: 12 de dezembro de 2011
Contato:ramos.fb@gmail.com